

“O homem da areia” de E.T.A. Hoffmann visto sob a ótica do excesso

Sílvia Herkenhoff Carijó¹

Titel: „Der Sandmann“ von E.T.A. Hoffmann aus der Perspektive des Exzesses betrachtet

Title: „The Sandman“ by E.T.A. Hoffmann seen from the perspective of excess

Palavras-chave: E.T.A. Hoffmann; O homem da areia; excesso

Stichwörter: E.T.A. Hoffmann; Der Sandmann; Exzess

Keywords: E.T.A. Hoffmann; The Sandman; excess

1) Introdução

Este trabalho é fruto de uma disciplina de pós-graduação, onde foi feito o exercício de pensar diferentes formas de excesso na literatura em diversas narrativas. “O homem da areia” de E.T.A. Hoffmann não era, inicialmente, uma dessas narrativas, mas me pareceu apropriada para discussão do tema.

Em Hoffmann, de uma maneira geral, podemos ver excesso, por exemplo, na linguagem utilizada para descrever o maravilhoso, o grotesco e o monstruoso; na duplicação excessiva de personagens; na repetição de situações e motivos; e em digressões. Podemos também associar ao excesso as questões do limite entre a loucura e

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. Email: silviacarijo@gmail.com

a sanidade, entre a vigília e o sono/sonho, e entre o real e o fantástico. Também o crime, que pode ser associado ao excesso, é tema em Hoffmann.

2) A narrativa fantástica de E.T.A. Hoffmann

Valburga Huber (2003), no artigo intitulado “A simbologia do olhar no conto *Der Sandmann* de E.T.A. Hoffmann”, lembra que a obra de Hoffmann está embebida de um sentimento de dualidade do mundo. O mundo seria então dividido entre externo e interno, entre poesia e cotidiano burguês, entre essência e aparência e entre imaginação e realidade.

Já com essas questões podemos iniciar a discussão sobre o excesso, uma vez que o excesso pode ser visto como forma de exceder, de transpor limites. Se existe uma divisão, uma separação entre o externo e o interno, entre poesia e cotidiano burguês, entre essência e aparência e entre imaginação e realidade, existe uma forma de transpor o limite de um para o outro. Em Hoffmann podemos observar os temas das duplas normalmente consideradas antagônicas, como a vigília e o sono/sonho, o torpor e a sobriedade e a loucura e a sanidade. Um exemplo em “O homem da areia” da dupla sonho/sono e vigília é o momento em que Natanael narra ter despertado após ter sido atacado por Coppélius. O menino teria acordado balbuciando para a sua mãe: “O Homem da Areia ainda está aí?” (Hoffmann 2004: 55). E ela responderia: “Não, meu querido, já faz tempo que ele foi embora, ele não vai te fazer mal!” (Hoffmann 2004: 55). Apesar de Natanael afirmar que o incidente de fato ocorreu, nos resta a dúvida se o que ele afirma ter acontecido antes de acordar realmente teria acontecido ou se faria parte de um pesadelo. Ele poderia estar trazendo o que vivenciou em sonho para a vida real.

3) “O homem da areia”: duplicação de personagens e repetição de situações e motivos

Carlinda Nuñez (2005) faz um apanhado de temas presentes no conto “O homem da areia” de E.T.A. Hoffmann no texto “Verdades sobre a mentira. Meditações insuspeitas sobre *O Homem da Areia* de Hoffmann”. A autora mostra a existência de um sistema de reduplicações através de oito aspectos no conto. Seis dos oito aspectos destacados pela autora parecem particularmente interessantes como demonstração do excesso na duplicação de personagens e situações na narrativa de E.T.A. Hoffmann. Esses seriam: o trocadilhismo, a reduplicação de personagens, o desdobramento de uma função por duas personagens, o embaralhamento de figuras e situações, o impulso à criminalidade e o espelhismo de situações.

O primeiro aspecto seria o trocadilhismo, que funcionaria como desestabilizador da realidade factual. Ele estaria presente, por exemplo, nos nomes dos personagens Coppelius e Coppola (Nuñez 2005). Natanael conhece inicialmente Coppelius. Quando Coppola aparece na casa de Natanael querendo vender suas mercadorias, Natanael acredita se tratar de Coppelius. Carlinda Nuñez coloca justamente que esses nomes “geram o esquema recursivo, que embaralha, confunde e induz ao trânsito de propriedades de uma personagem à outra, em função da intencional semelhança desses nomes” (Nuñez 2005: 41). Esse trânsito de propriedades ocorre tanto para o personagem Natanael, como para o leitor, que não só associa a figura amedrontadora de Coppelius ao vendedor Coppola, como transporta algumas das características do advogado para o vendedor.

Outro exemplo de trocadilhismo na narrativa ressaltado pela autora é a nomeação de Olimpia, que se trata de um autômato, como filha pelo professor Spallanzani (Nuñez 2005). Natanael se apaixona por Olimpia e, ao perceber que a amada não tem vida, acaba enlouquecendo.

A forma como Hoffmann desestabiliza a realidade através do trocadilhismo é levada ao extremo, sendo uma das consequências a perda da sanidade de um dos personagens.

O segundo aspecto seria o da reduplicação das personagens. Como já coloca a autora, Coppelius é o terrível advogado, mas também o homem da areia, e é esse mesmo personagem que aparece em um poema do protagonista, arrancando os olhos de sua noiva Clara. No final do conto, Coppelius ainda reaparece atrapalhando o amor dos dois (Nuñez 2005).

Outro exemplo de reduplicação dado pela autora é o do vendedor de barômetros Coppola, que depois vem a ser vendedor de óculos, lentes e lunetas e também sócio de Spallanzani na construção de Olimpia (Nuñez 2005).

O terceiro aspecto vem relacionado com o segundo, só que em vez de um personagem ter mais de uma função, ocorreria “o desdobramento de uma função por duas personagens” (Nuñez 2005: 42). A autora aqui traz o exemplo de três funções. Representando a função materna teríamos Clara e a mãe de Natanael, como imagem de pai terrível teríamos Coppelius e Coppola e como imagem de um pai benéfico teríamos o pai de Natanael e Spallanzani (Nuñez 2005).

O embaralhamento de figuras e situações é colocado como o quarto tema (Nuñez 2005). Esse aspecto é muito comum na obra de Hoffmann, sendo feito de maneira excessiva e fazendo muitas vezes que não só os personagens fiquem perdidos, mas também o leitor. No caso de “O homem da areia”, Carlinda Nuñez destaca alguns exemplos que serão colocados a seguir. A primeira carta que Natanael escreve é para Lotario, irmão de Clara, mas é Clara que acaba respondendo a mesma (Nuñez 2005). Isso ocorre porque Natanael se engana e acaba endereçando a carta a Clara. Segundo Carlinda Nuñez, o maior embaralhamento, porém, ocorre entre real e ficção (Nuñez 2005).

A situação das figuras de Clara e Olimpia, como colocado pela autora, também apareceria de forma embaralhada. Clara se tornaria para Natanael o autômato, por conta de sua interpretação racionalista dos fatos, enquanto Olimpia se tornaria humana (Nuñez 2005).

Também ligado à questão do excesso está um sexto aspecto trazido por Carlinda Nuñez que é o impulso à criminalidade. Camille Dumoulié (2007), em “Tudo o que é excessivo é insignificante”, já relacionaria o crime ao excesso. O autor coloca que uma forma de compreender o excesso seria como julgamento de valor. Ele seria então relativo, uma vez que baseado em normas pessoais, sociais e culturais prévias, e seria definido pela desmedida e pela transgressão, abrangendo por sua vez o criminoso. Como colocado no texto de Carlinda Nuñez, o impulso à criminalidade apareceria no conto na dupla Coppélius/Coppola e na tentativa de Natanael de assassinar tanto Spallanzani quanto sua noiva Clara no final da narrativa (Nuñez 2005).

Como último ponto colocado pela autora e que será aproveitado para a discussão da narrativa de Hoffmann como narrativa do excesso, está o espelhismo das situações que se repetem. O primeiro exemplo colocado pela autora é o espelhismo da tentativa de Coppélius de arrancar os olhos de Natanael e os olhos arrancados de Olimpia. O segundo exemplo é o despertar no colo da mãe depois da ameaça e os maus-tratos de Coppélius e, mais para frente, o despertar no colo de sua noiva depois da luta com Spallanzani e Coppola na briga pela boneca (Nuñez 2005). O terceiro exemplo seria o de Coppélius intervindo no amor de Natanael e Clara em duas situações, no poema escrito por Natanael e na cena da torre (Nuñez 2005). A autora ainda dá mais um exemplo de situações espelhadas, que seria o das lutas que ocorrem durante o conto. Uma seria a já citada briga entre Coppola e Spallanzani e a outra entre Natanael e Lotario (Nuñez 2005).

Gostaria ainda de ressaltar mais alguns aspectos do conto que podem ser vistos sob a ótica do excesso.

O personagem Coppélius também pode ser visto pela ótica do excesso na medida em que é realmente excessivamente horroroso em sua feiura. Na própria linguagem usada para a descrição de Coppélius pode ser apontado excesso. Tudo nele é extremamente grande, ele é mais horrível que a mais repugnante das criaturas, como se lê nas passagens a seguir:

No entanto, a mais hedionda das figuras não me teria assustado tanto quanto o tal Coppélius. Imagina um homem alto, de ombros largos, com a cabeça exageradamente grande, cara amarelada, quase ocre, sobrancelhas cerdosas e grisalhas, sob as quais brilham uns olhos penetrantes, verdes como os de um gato, e com um nariz comprido, que lhe cai por cima do lábio superior. Sua boca torta geralmente se contorce em um sorriso maligno, então aparecem duas manchas vermelhas em suas bochechas, e um estranho sibilar lhe sai por entre os dentes cerrados. (Hoffmann 2004: 53)

E mais adiante:

Todo ele era feio e repelente; mas para nós, crianças, não havia o que fosse mais repugnante do que as suas mãos enormes, nodosas e peludas, tanto que não aceitávamos nada que ele tivesse tocado. (Hoffmann 2004: 53)

Uma característica comum da escrita de Hoffmann são as digressões. A história é contada inicialmente através de três cartas e depois passa a ser contada em terceira pessoa. Ao iniciar essa nova fase, porém, o narrador não segue logo com a história que acaba de ser interrompida. O narrador se dirige ao leitor – recurso também muito comum em Hoffmann – da seguinte maneira:

Não se pode imaginar nada mais singular e extraordinário, querido leitor, do que o que se passou com o meu pobre amigo, o jovem estudante Natanael, e que agora me disponho a narrar! Acaso alguma vez uma coisa se apossou tão completamente do teu coração, do teu espírito e do teu pensamento que chegou a excluir tudo mais? (Hoffmann 2004: 61)

E nesse estilo ele segue explicando por que contará a história de Natanael, como foi difícil achar uma forma de contar a história de forma original e comovente e discute as possibilidades de como poderia ter começado. Também tenta convencer o leitor da veracidade da história, dizendo que as três cartas foram mostradas a ele por seu amigo Lotario. Quando parece que ele vai retomar a história, ele volta a divagar, desta vez sobre o caráter e a beleza – principalmente dos olhos – de Clara. Em um conto, em que

o espaço para se contar a história é curto, as digressões podem tomar um caráter excessivo.

4) Conclusão

Alguns dos motivos que foram relacionados ao excesso citados neste texto também estão presentes em outras obras de Hoffmann. Em *Os elixires do diabo*, por exemplo, a questão do crime é muito forte e aparece diversas vezes, sendo o personagem levado a cometer um crime após o outro. Também nessa obra o personagem principal é tomado por outros personagens, sendo um deles considerado o seu *Doppelgänger*. As digressões são comuns, histórias e personagens se repetem e o trocadilhismo, o embaralhamento e o espelhismo das situações, também bastante presentes, confundem o leitor.

Em contos como “O vaso de ouro” e “Quebra-nozes e o rei dos ratos” pode ser vista como marca do excesso a exuberância da linguagem na descrição do maravilhoso.

Em “A senhorita de Scuderi”, a questão do excesso poderia ser pensada em relação à série de assassinatos, ou seja, novamente em relação ao crime, dentre outras coisas.

Já em *Princesa Brambilla*, assim como em “O homem da areia”, o personagem principal tem acesso a lentes (no caso um par de óculos), que lhe permitiriam enxergar coisas que estariam além da realidade.

Referências bibliográficas

Dumoulié, Camille. Tudo o que é excessivo é insignificante. In: *Revista Tempo Brasileiro* 169, abr-jun 2007, 11-30.

Hoffmann, E. T. A. O homem de areia. Tradução de Luiz A. de Araújo. In: Calvino, Italo (org.). *Contos fantásticos do século XIX. O fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, 49-81.

Huber, Valburga. A simbologia do olhar no conto *Der Sandmann* de E.T.A. Hoffmann. In: *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia* 7 (9), Rio de Janeiro, ago. 2003. <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-02.html> (28/03/2013).

Núñez, Carlinda. Verdades sobre a mentira. Meditações insuspeitas sobre *O Homem da Areia* de Hoffmann. In: Pinto, Silvia Regina (org.). *Tramas e mentiras. Jogos de verossimilhança*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2005, 31-52.